

NA PRÁTICA A TEORIA É OUTRA.

Será mesmo???

Lella Mirtes Santos de Magalhães Pinto*



tema provocador dessa nossa conversa invoca inúmeras abordagens. Do meu ponto de vista é importante sublinharmos, como reflexão básica, as intenções político-pedagógicas que estão por trás, tanto da postura daqueles que problematizam a relação entre teoria e prática, quanto dos que tratam, com muita certeza, a separação entre esses pólos.

Seja como for, temos que admitir que falar de teoria *versus* prática sempre foi algo inquietante para os que defendem a inexistência dessa relação e, também, para os que procuram descobrir significados para ela. De uma forma geral, cresce o número de educadores, não só da Educação Física como de diferentes áreas de conhecimentos, que se achem às discussões de novos ângulos da relação entre teoria e prática, remexendo em velhos costumes acomodados em conjuntos de idéias e de valores dados como verdadeiros e, por isso, até então inquestionáveis.

Nesses debates, mesmo que muitos insistam em distanciar a teoria da prática, são levantados aspectos sobre a cotidianidade, que revelam movimentos constantes entre fundamentos e ações, os quais nem sempre percebemos.

O que não passa despercebido por um olhar mais atento sobre a realidade é que, pelas nossas inter-relações com as coisas e os outros, são construídos esquemas que organizam nossos pensamentos, desejos, discursos e ações, apreendendo a teoria que toda ação cultural tem, determinando seus fins e delimitando seus métodos.

Toda prática cultural é sempre uma forma sistematizada de deliberação do agir, relacionada estreitamente com o contexto social mais amplo, ideologicamente marcado, que a condiciona. Reciprocamente, toda ação cultural incide sobre a prática social mais ampla, no sentido de mantê-la como está, ou mais ou menos como está, ou, ainda, no sentido de transformá-la. Isso faz da cultura, não um repertório comum de respostas a problemas comuns, mas um conjunto de esquemas fundamentais, previamente assimilados, a partir dos quais se engen-

* Licenciada em Educação Física pela UFMG; Mestre em Educação Física: Recreação/Lazer pela UNICAMP; Membro do CELAR - Centro de Estudos do Lazer e Recreação da Escola de Educação Física da UFMG; Consultora do Projeto Recrear, da Secretaria Municipal de Esportes, da Prefeitura de Belo Horizonte.

dra uma infinidade de outros esquemas particulares, aplicados às mais diversas situações cotidianas. E, ao repetirmos constantemente estes esquemas, contraímos hábitos de conduzir nossos pensamentos e ações, hábitos que se vão atualizando na lógica específica de práticas particulares.

Assim, os princípios norteadores que definem o trajeto, o traçado e o arranjo das nossas idéias e dos nossos movimentos nos espaços arquitetônicos e temporais que nos são disponíveis; que definem as regras organizadoras dos nossos desafios, bem como os significados dos nossos sonhos, comportamentos e realizações; ao mesmo tempo que são originais - por não serem absolutos e fixos - são redutíveis a esquemas mais gerais que tendem a reproduzir valores e categorias de leitura, análise e organização de vida.

De maneira geral, vivemos em uma prática social que insiste em nos condicionar a padrões que, cada vez mais, se esforçam por castrar nossa curiosidade sobre os rumos do nosso viver, nos desencorajando a pensar sobre os sentidos do que fazemos; sobre possíveis porquês de nossas ações, tantas vezes realizadas do "mesmo jeito"; sobre o que mais poderíamos saber dela; sobre a descoberta dos saberes que estão embutidos nessa prática e que articulam nossas realizações e, ainda, sobre porque nem sempre concretizamos o que esperávamos.

O desafio de ler e decifrar os significados e as funções envolvidos no todo do nosso contexto real que, em sua concretude, junta teoria e prática, parece, aos olhos de muitos, um espaço impe-

netrável, até mesmo, inexistente. Por isso, é comum ouvirmos em nossos "bate-papos" pedagógicos expressões como: "eu sou do agir, não tenho tempo a perder com falatório". "Ficar filosofando não leva a nada, não me interessa, pois precisamos é de orientações para o nosso fazer e uma coisa é a teoria, outra a prática. Na prática tudo é bem diferente!" "É bonita a sua teoria, quero ver você falar isso na prática!"

Nossas heranças positivistas se desvelam não somente em expressões como estas, que demonstram uma visão dicotômica dissociativa sobre as relação entre teoria e prática, mas também, em visões dicotômicas associativas.

Sob a ênfase dicotômica dissociativa, a teoria e a prática são consideradas pólos isolados e, até mesmo, opostos, valorizando os *teóricos* como aqueles que pensam, elaboram, planejam e refletem e, os *práticos*, como os que executam, os que agem. Por sua vez, uma visão dicotômica associativa considera a teoria e a prática como pólos separados, mas justapostos, sendo que o primato é a teoria. A prática torna-se aplicação da teoria. Ela não cria, não introduz situações novas. Sob esse ponto de vista a inovação é da teoria, que comanda o planejamento racional e eficiente. A prática só terá sentido se for fiel aplicadora da teoria. Nesse jogo de saber, quem detém o poder, são os teóricos.

Em nosso meio há, ainda, aqueles que valorizam a prática fechada em si mesma, defendendo idéias, também conservadoras, de que é fazendo que aprendemos o fazer. Para esses, o fazer mostra-nos os erros e os acertos, dependendo dos saberes que a própria prática forne-

ce. Por esse motivo, não há o que buscar de respostas nas teorias. Elas são abstratas e distantes dos problemas reais, pois não vivem diretamente o fazer.

Estes e outros argumentos mostram-nos o contraditório contexto em que vivemos, cujas buscas de alternativas criativas, ao nosso ver, dependem de concretizações de projetos pedagógicos críticos, que ampliem nossas chances de compreensão do avesso das nossas idéias e práticas, redescobrimo sentidos e relações entre elas. Quanto mais críticas forem nossas leituras, interligando perguntas, respostas e ações, tanto mais conscientemente entenderemos o contexto no qual nos fazemos sujeitos históricos e ajudamos a construir e a transformar.

O despertar do gosto pelo estudo crítico sobre o contexto concreto, levamos a considerar que as teorias apresentam respostas aos nossos problemas mas, para tanto, não basta termos acesso e aplicarmos suas informações como conjuntos frios de conceitos, regras e normas. Para ser transformada, a realidade prática, necessita ler crítica e criativamente os fundamentos das teorias, os quais não são absolutos. Sendo meios importantes para compreendermos a realidade, as teorias não podem romper com o concreto, afastando-se dele. De forma dinâmica e partindo da realidade prática, empregamos categorias teóricas e retornamos a esta realidade para colhermos sua criatividade.

Mas este encontro com o real não integra os projetos dos grupos que controlam o jogo de poder-saber-ter-fazer e ser, que domina em nossa sociedade. Por isso, uma das armas que estes projetos

utilizam para dificultar nossa compreensão sobre o jogo que manobra a realidade, é a ênfase dicotômica entre teoria e prática. Por esse meio, buscam limitar nossos projetos realizáveis, criando obstáculos à nossa participação crítica e criativa, na construção sociocultural histórica. O interesse é por não estimular a curiosidade, pois esta é ponto de construção de dúvidas sobre os nossos saberes - incluindo entre eles o senso comum - dúvidas essas que geram perguntas que levam à críticas e à novas criações.

Desse modo, um projeto revolucionário, que sonha com mudanças na ordem social vigente, articula-se pela percepção do inteiro da unidade entre teoria e prática, buscando ler suas várias faces, seus sentidos, seus diversos discursos, interesses e suas mensagens cifradas, cujos conteúdos envolvem relações de saberes de diferentes disciplinas. Por esse motivo, tais projetos encorajam os debates interdisciplinares sobre problemas comuns, que tendem a aumentar o espectro do processo de pensar nossas práticas, gerando novas perguntas que inter cruzam buscas de diferentes conhecimentos. A mobilização de nossa imaginação criadora, apoiada em saberes de diferentes naturezas, amplia nosso senso de realidade e nossa leitura sobre a diversidade de saberes que enriquecem a construção do conhecimento sobre nós mesmos e o mundo. Nesse processo, o mais importante não é, propriamente, a evolução da criação, mas, sobretudo, a nossa evolução enquanto criadores.

O processo de construção de criações/criadores, tendo como fio condutor a unidade teórico-prática, não será

reduzido a treinamentos e aplicações de conjuntos de técnicas e métodos de construção de conhecimentos comprometidos com controles ideológicos. Ao contrário, na experiência da dialeticidade da *práxis* - reflexão e ação - muda-se a cara das relações entre pensar e agir, destacando-se alguns contornos fundamentais.

Primeiramente, ressalto o fato de que é impossível considerarmos só a teoria ou só a prática como pura busca de respostas, sem uma convivência íntima entre elas.

Por outro lado, observo que nem a prática é inteiramente teorizável, nem a teoria é inteiramente conversível em prática, o que demonstra, mais ainda, a necessidade de ponte entre ambas.

A teoria e a prática são pólos que têm o seu sentido próprio, mas, ao mesmo tempo, mantêm entre si uma relação recíproca e simultânea de autonomia e dependência de um em relação ao outro.

Sendo dinâmicos e inseparáveis, ambos os pólos dependem um do outro, se negando e se contrapondo, constituindo uma unidade dialética. A teoria nega a prática enquanto ação imediatista e fato dado por si só, revelando-a como atividade socialmente produzida e produtora de existência histórica que, depois, passa a determinar as ações dos sujeitos. A prática nega a teoria como saber separado, acabado e autônomo, produzido pelo pensamento dos teóricos e que comandaria, de fora para dentro, as ações humanas.

Toda *práxis* tem um lado teórico ideal e um prático concreto possível. Tanto na prática da reflexão como na

prática da ação, o anti-dogmatismo e o anti-cepticismo são caminhos fundamentais para construções criativas.

Como a própria vida, a prática é o ponto de partida e de chegada para os projetos criativos. É o fim, a atividade objetiva que concretiza a transformação da realidade natural e social. Isto demanda sensibilidade às necessidades de mudanças, que não são fixas, por serem históricas. Demanda, também, leitura dos limites e possibilidades concretas de ações, aliadas com o sentido de risco, ou seja, com coragem para mudar.

A teoria, exprimindo os interesses, objetivos, fins e meios de tomadas de decisões sobre os rumos a seguir, orienta linhas de ações que permitem organizar e reorganizar caminhos provocadores de buscas. Ela colabora com a constatação de problemas, com a explicitação de seus porquês, para quê, a favor de quê e de quem, onde, quando e como agir para favorecer o traçado e a aventura em trilhas criativas.

Além de poder funcionar como instrumento de configuração de fenômenos, a teoria pode exercer o papel de criticar a prática, nela introduzindo questionamentos importantes para o desvendar de possibilidades de encontro com novas demandas, possibilidades que sinalizem condições futuras de realizações para mudanças.

Por tudo que foi dito aqui, torna-se fundamental que apropriemos crítica e criatividade dos conhecimentos teórico-práticos que vêm sendo produzidos pela humanidade, não nos esquecendo de

dialogar com aqueles que se constituem no nosso contexto sociocultural mais próximo - na realidade dos educadores e dos educandos.

Portanto, poder pensar, viver, inventar, reinventar a prática, não é privilégio de classes ou grupos, mas construções a serem compartilhadas por todos, com a seriedade e a alegria próprias da curiosidade epistemológica.

Concluindo, o desafio final da nossa busca da unidade teórico-prática destaca-se pelo nosso empenho pela coerência entre o que pensamos e o que realizamos como educadores/educandos, atuantes em todos momentos de nossa vida sociocultural.

Bibliografia

- BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. 301p. (Estudos; 20).
- CANDAU, Vera Maria, LELIS, Isabel Alice. *A relação teoria-prática na formação do educador*. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis: Vozes, 1988. p.49-63.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?* 31.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. 125p. (Primeiros passos; 13).
- FREIRE, Paulo, FAUNDES, Antônio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paze Terra, 1985. 140p.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim tia não; cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1993. 127p.
- PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. *A experiência da Escola de Educação Física da UFMG na formação profissional em lazer*. In: Fórum de Debates sobre lazer e Formação Profissional, 2. *Anais*. Campinas, 1995.
- PINTO, Leila Mirtes S. M., BRANDÃO, Maria Gláucia C., SOUSA, Eustáquia Salvadora de, MIRANDA, Judith C. *Formação profissional em Educação Física; avaliando o currículo da UFMG*. Belo Horizonte: UFMG, 1995. 19p. (Mimeogr.).
- RAYS, Oswaldo Alonso. Pensar para repensar, pensar para agir, agir para transformar. *Cadernos de Educação*. João Pessoa: UFPb, n.2, abr. de 1981.